

JUSTIFICATIVA

O Projeto de Resolução que ora se encaminha a apreciação deste Legislativo tem por finalidade homenagear a Irmã Dorothy Stang, emprestando seu nome para denominar Prêmio que tem por objetivo premiar as iniciativas de pessoas físicas, pessoas jurídicas, sociedade civil e poder público que promovam o desenvolvimento econômico, social e cultural em respeito ao meio ambiente.

A vida da missionária norte-americana, naturalizada brasileira, Dorothy Stang, 73 anos, foi interrompida por seis tiros a queima roupa em fevereiro de 2005. Seus opositores calaram sua voz, mas não seus ensinamentos.

Minimizar os conflitos pela posse de terra na região amazônica sem esquecer de incluir os pequenos trabalhadores rurais em um modelo de assentamento que respeitasse a floresta. Esse era o objetivo de vida da missionária Dorothy Mae Stang.

Nascida na cidade de Dayton, no estado de Ohio, em 07 de junho de 1931, essa americana, naturalizada brasileira, ingressou na vida religiosa aos 17 anos. De 1951 a 1966 foi professora em escolas da congregação internacional da Igreja Católica - Irmãs de Notre Dame de Namur. Uma congregação de mais de duas mil mulheres que realizam trabalho pastoral, em cinco continentes para ajudar os mais pobres e marginalizados.

Desde que chegou ao Brasil, em 1966, Dorothy Stang sempre esteve envolvida com a questão dos conflitos fundiários no Norte e Nordeste do país. Foi em Coroatá (MA), que ela deu os primeiros passos para, posteriormente, criar o Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança - modelo de assentamento baseado na produção agrícola familiar, nas atividades extrativistas de subsistência e de baixo impacto ambiental. Em Anapu (PA), a religiosa queria assentar 600 famílias em lotes de 100 hectares. No local, situado no meio da floresta, as famílias poderiam ter uma pequena plantação, produziriam leite e explorariam as riquezas da mata com assistência especializada.

Irmã Dorothy promovia, constantemente, um diálogo com lideranças camponesas, políticas e religiosas na busca por soluções duradouras para os conflitos relacionados a posse e a exploração da terra. A missionária também participava ativamente dos movimentos sociais no Pará, onde acompanhou a vida e a luta de muitas famílias de agricultores, e ajudou e fundar a primeira escola de formação de professores na rodovia Transamazônica: a Escola Brasil Grande.

Pelo trabalho realizado junto aos trabalhadores rurais, Dorothy recebeu o título de cidadã paraense, em 2004, concedido pela Assembléia Legislativa do Estado. Ainda no mesmo ano recebeu o prêmio "José Carlos Castro" da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção Pará - pela luta em defesa dos direitos humanos. A religiosa participava, ativamente, da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

O modelo de assentamento baseado no "Projeto de Desenvolvimento Sustentável Esperança" enfureceu os fazendeiros, madeireiros e grileiros da região. Seus opositores a consideravam uma "agitadora política que instigava a violência no município". Tanto ódio culminou com ameaças e, posteriormente, com sua morte. A missionária diversas vezes, denunciou a jornais locais e as autoridades do governo federal que estava sofrendo ameaças de morte.

Dorothy Stang foi assassinada com seis tiros, aos 73 anos, no dia 12 de fevereiro de 2005, no município de Anapu (PA). Seu corpo foi enterrado no dia 15 de fevereiro de 2005, as margens do Rio Anapu. A pedido da missionária, um pé de mogno foi plantado próximo a sepultura, na área onde fica o Centro São Rafael. Era lá que a americana educava e conscientizava agricultores da região.

Nobres Vereadores, como ficou demonstrado Dorothy Stang só enobrecerá nossa sociedade, cedendo seu nome para a criação do Premio Dorothy Stang de Humanidade, Tecnologia e Natureza, assim sendo solícito apoio de V.Exas. para prosperar a presente propositura.